

---

# Uma análise crítico-pedagógica sobre a concepção docente diante da indisciplina no âmbito escolar

Débora do Espírito Santo Pinto Franco\*  
Fernanda Aparecida Apolinário\*  
Vívia Flávia Pereira\*

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Vera Lucia Lins Sant'Anna \*\*

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a percepção que professores e demais sujeitos do processo ensino-aprendizagem têm de (in)disciplina no âmbito escolar. Sabe-se que a indisciplina é uma questão que vem sendo discutida há décadas, já que a educação é feita por relações de seres humanos de diversas culturas e valores e, desde que a educação existe, ela é feita por pessoas que são diferentes. Para professores, ela denota a ausência de uma estrutura psicológica moral que desprepara o jovem para a convivência em ambientes regrados. Nesta pesquisa, a opção foi trabalhar o tema com abordagem qualitativa e quantitativa que capta melhor a diversidade de sentidos, de significados presentes na área educacional. Foram utilizadas bibliografias e artigos nos quais nos respaldamos para obter um bom conteúdo que atendesse a nossos questionamentos com relação ao tema e desse sustentação ao desenvolvimento do trabalho.

Palavras-chave: Disciplina. Indisciplina escolar. Ações preventivas. Reflexão.

## 1 - INTRODUÇÃO

Se entendermos que a educação é um processo de humanização, isto é, um processo que os seres humanos organizam intencionalmente para, em relação uns com os outros, se apropriarem dos avanços civilizatórios em benefício da coletividade humana, e se entendermos que a disciplina é uma ordem consentida livremente, conveniente ao fun-

cionamento regular das organizações sociais, então a disciplina é importante na organização escolar tendo em vista suas finalidades educativas. A palavra disciplina é derivada do vocábulo “discípulo” que, por sua vez, significa “seguidor de um mestre”. “Um discípulo segue seu mestre não por temer castigo, mas porque possui profunda convicção interna” (ACEVEDO, 2005, p.77).

A dificuldade em lidar com a disciplina

---

\* Graduandas em Pedagogia com Ênfase em Ensino Religioso pela PUC Minas.

\*\* Doutora em Ciências da Religião e Professora do Curso de Pedagogia da PUC Minas.

na escola deve-se, portanto, à dificuldade em chegar-se à “ordem consentida livremente” entre os atores do processo educativo escolar: professores, alunos, familiares, coordenadores, diretores (VASCONCELLOS, 1995). A (in)disciplina em sala de aula e na escola tem sido uma preocupação crescente nos últimos anos entre os educadores. Diante da presença e da dificuldade de enfrentar a situação, chegamos a ouvir de educadores que o problema da disciplina sempre existiu na escola, que não é um problema novo e que sempre vai existir.

O interesse por esta pesquisa surgiu do interesse do grupo em compreender e, possivelmente, esclarecer indagações, tais como as dificuldades dos educadores em trabalhar com a (in)disciplina, as possíveis causas da indisciplina em sala de aula, as expectativas dos profissionais da educação em relação à (in)disciplina no âmbito escolar, dentre outros questionamentos que presenciamos em nossa trajetória acadêmica pelos campos de estágio por onde passamos um bom período observando a realidade das instituições escolares de nossas comunidades.

## 2 - CARACTERIZAÇÃO DA (IN)DISCIPLINA FRENTE ÀS PRÁTICAS EDUCATIVAS: O PENSAMENTO DO PROFESSOR, UM UNIVERSO AINDA POUCO CONHECIDO

A disciplina se refere a uma obediência às regras e aos superiores, é ordem ter um bom comportamento, submeter-se ao controle das normas pré-estabelecidas pelo todo. A indisciplina já diz respeito a tudo que é contrário à disciplina, como a desobediência, a insubordinação, o desrespeito dentre muitas outras ações que podem lesar o bom andamento do convívio social. A autodisciplina faz o indivíduo pensar em controle sobre seus

atos de forma consciente e ponderada, uma vez que as concepções de vida em grupo já estão bem internalizadas e de maneira eticamente adequada, segundo visão do que é considerado bom para que um ser humano seja capaz de viver em sociedade.

A indisciplina tem sido intensamente vivenciada nas escolas, apresentando-se como umas das fontes de estresse nas relações interpessoais, particularmente quando associada às situações de conflito em sala de aula. Mas, além de constituir um problema, a indisciplina na escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional. É uma questão que necessita de debate e investigações amplas para alcançar bons resultados.

A indisciplina escolar não é um fenômeno estático que tem mantido as mesmas características ao longo das últimas décadas. Ao contrário, está evoluindo nas escolas, sob diversos aspectos. Hoje, se diferencia daquela observada em décadas anteriores. As expressões e o caráter da indisciplina, por exemplo, apresentam mudanças, não se trata apenas de uma ampliação quanto à intensidade de manifestação; a indisciplina escolar apresenta, atualmente, diferentes expressões mais complexas e criativas.

O conhecimento atualizado sobre indisciplina, até mesmo para se fundamentar a formação dos professores, constitui prioridade. Devemos responder adequadamente à pergunta: o que é indisciplina hoje? E isso inclui compreender melhor suas causas, pois não apresenta uma única causa, ou mesmo uma principal. Eventos de indisciplina, mesmo envolvendo um único sujeito, podem ter se originado em um conjunto de causas diversas, e muito comumente refletem a combinação complexa de causas.

## Segundo Arroyo,

Para muitos docentes, a maior presença dos alunos nas escolas, presença incômoda por vezes, é encarada como uma possibilidade afirmativa de um novo pensar. As formas adolescentes e juvenis de sobreviver, de pensar e de comportar-se se chocam com nossas formas pedagógicas e docentes de pensar e de pensá-los. Formas a que não estamos acostumados, uma vez que os alunos parecem revelar que veem o mundo, a escola e o conhecimento, a vida e seus mestres em outra lógica do que a nossa. (ARROYO, 2004, p. 36).

Para sistematizar, pode-se reunir as diversas causas da indisciplina escolar em dois grupos gerais: as causas externas à escola e as causas internas. Como exemplo, podemos citar: a influência hoje exercida pelos meios de comunicação, a violência social, o ambiente familiar, o ambiente escolar, as condições de ensino-aprendizagem, os modos de relacionamento humano, o perfil dos alunos e sua capacidade de se adaptarem aos esquemas da escola. Na própria relação professor e aluno, habitam motivos para a licenciosidade disciplinar, e a postura que o professor adota para intervir de maneira a disciplinar seus alunos pode reforçar ou mesmo gerar novas manifestações de indisciplina.

Segundo Içami Tiba(1996), quem não se desenvolveu moralmente manifesta (na escola ou fora dela) comportamentos inadequados, julgados, muitas vezes, como sendo comportamentos indisciplinados. Isso indica, então, a correlação entre (in)disciplina e moralidade. Essa não é a única dimensão da indisciplina, ela também pode ser associada a outros fatores como: a estrutura organizacional e pedagógica da instituição escolar, as políticas econômicas e sociais, entre outras.

Bom comportamento não é sinônimo de disciplina, pois pode apenas indicar adaptação aos esquemas da instituição escolar, a simples conformidade ou mesmo apatia diante de certas circunstâncias. Tendo clareza quanto à própria natureza da indisciplina, a escola pode tomar medidas, como políticas disciplinares institucionais para auxiliar docentes e demais atores do processo ensino-aprendizagem na aplicação de sanções adequadas aos incidentes causados por indisciplina. Se a escola fosse agir de forma autoritária em relação aos fatos que ocorrem com muita incidência em seu interior, não seria possível educar nenhum aluno, pois todos seriam convidados a se retirar do estabelecimento educacional sem questionar. O fator marcante dessa premissa é que há situações com as quais a escola ainda não sabe lidar e, ao invés de trabalhar a disciplina, acaba por trabalhar a indisciplina do aluno, e o mesmo tenta, às vezes, acertar, mas permanece no “erro”, vamos assim dizer, por não ter internalizado a concepção de (in)disciplina.

Disciplina é um objetivo educacional. Se focalizarmos com olhar crítico a indisciplina na criança, poderemos ver um reflexo de toda indisciplina social que existe, de uma indisciplina familiar, pois fatores que auxiliam na desestruturação cognitiva e intelectual do aluno, contribuindo para a insolência, não faltam. Disciplinar é uma tarefa de autoridade séria e coerente. A escola vem estruturada com uma série de regras, diferentes da disciplina que o estudante traz consigo, e tenta enquadrá-lo nessas regras. A escola toma, dessa maneira, a disciplina como regra e não como objetivo educacional, o que dificulta o êxito das atitudes necessárias.

A indisciplina pode ter suas características fundadas no nível didático,

quando o professor não é capaz de assegurar ao aluno qualidade em suas aulas; no nível emocional, quando se depara com alunos com vários problemas relativos à sua vida familiar e pessoal, e, no nível social, quando envolve fatores socioeconômicos, a realidade sócio-cultural-econômica do aluno. Em cada caso, é sempre necessário questionar qual é o grau de participação da própria escola na geração da indisciplina e não apenas assumir uma posição, seja ela qual for, sem a devida fundamentação e sugerir que o problema sempre reside ou se origina na atitude do corpo docente.

Na concepção de Rego (1998), conhecer melhor a realidade dos educadores significa também compreender seu pensamento, suas crenças, hipóteses, concepções, fatores que dizem respeito a sua prática docente. Os professores têm conhecimento e ideias que, quando revelados, podem oferecer interessantes perspectivas para o âmbito escolar. É válido considerar a bagagem profissional que o professor traz consigo, os conhecimentos que foram acumulados e que não são considerados e afirmados da forma como deveria ser, isso poucos estudos levam em consideração ou, às vezes, nem consideram. “Fala-se do professor ou ao professor como uma tábula rasa, o mesmo se dando em face do aluno, inclusive no ensino superior” (GATTI apud REGO, 1998, p. 52).

A questão da indisciplina no contexto escolar é um dos temas que mobilizam professores, especialistas, pais e alunos de diferentes escolas. Entretanto, apesar desse tema constituir-se objeto de preocupação no meio educacional é, de um modo geral, superficialmente debatido. A disciplina também pode ser vista como o controle do indivíduo no tempo. No entanto, aplicar esse conceito em Educa-

ção é um tanto perigoso. É frequente a afirmação, por parte dos professores, de que os alunos de hoje são indisciplinados, evocando um saudosismo de uma suposta educação de antigamente, que estabelecia parâmetros rígidos para o uso do corpo e da mente.

Para Aquino (1996, p. 40), “embora o fenômeno da indisciplina seja um velho conhecido de todos, sua relevância teórica não é tão nítida”. A origem dos comportamentos indisciplinados pode estar em diversos fatores: uns ligados a questões relacionadas ao professor, principalmente na sala de aula; outros centrados nas famílias dos alunos; outros verificados nos alunos; outros gerados no processo pedagógico escolar; e outros alheios ao contexto escolar. Antunes (2002, p. 25) salienta que “ensinar não é fácil e educar é mais difícil ainda; mas não ensina quem não constrói democraticamente as linhas do que é e do que não é permitido”. Os encaminhamentos disciplinares preventivos em nível de escola têm se mostrado efetivos, de acordo com a literatura especializada. Se o que se deseja é uma escola disciplinada, é importante compartilhar com os estudantes expectativas que reflitam uma apreciação quanto às suas potencialidades e que expressem a visão de que eles devem assumir suas próprias responsabilidades junto à escola.

A relação professor-aluno nos aponta fatores que exigem reflexão e postura do profissional da educação diante alguns fatos, pois o mesmo tem vários caminhos a seguir, porém apenas um lhe proporcionará luz a suas expectativas e convicções. A relação pedagógica não é uma pauta definida, previamente pronta para ser executada, passa por regulação dos processos sociais, interacionais, nos quais professores e alunos transparecem uma ideia de contrato que, quando bem sucedidos, opor-

tunizam bons resultados aos atores desse processo educativo, porém, quando não há acordo entre as partes, surgem divergências que dificultam a convivência escolar.

O papel do professor é importante não como figura central, mas como coordenador do processo educativo, já que, usando de autoridade democrática, cria, em conjunto com os alunos, espaços pedagógicos interessantes, estimulantes e desafiadores, para que neles ocorra a construção de um conhecimento escolar significativo. A abordagem realizada na escola em relação à indisciplina interfere para que a aprendizagem significativa ocorra realmente.

As regras, em qualquer situação, têm que preservar e propiciar ao sujeito o respeito por si próprio e pelo outro. O professor precisa compreender que as regras devem auxiliar na construção de um lugar feliz, portanto, não deve elaborar normas desnecessárias (supérfluas) ou descabidas. Precisa questionar-se também sobre a coerência das normas, se elas são justas e necessárias, se podem ser negociadas, se foram elaboradas de forma democrática, se se fundamentam em princípios, e se respeitam as características do desenvolvimento do corpo discente.

#### Segundo Vasconcellos,

A escola deve buscar, através de uma avaliação constante, superar a dicotomia que normalmente ocorre entre seu discurso e sua prática: quer formar aluno ativo, mas concentra as iniciativas no professor; quer formar aluno responsável, mas não lhe dá oportunidade de assumir responsabilidades; quer formar aluno autônomo, mas não dá oportunidades de tomar decisões; quer que o professor desenvolva a autonomia do aluno, mas trata este mesmo professor de forma heterônoma, etc. A instituição desconfia da maioria intelectual e afetiva do professor, não no discurso, mas na prática, na medida em que re-

stringe sua liberdade e responsabilidade. (VASCONCELLOS, 1995, p.61).

As práticas de indisciplina nas escolas podem significar sintomas, sinais de uma juventude que talvez denuncie uma demanda de afeto que não tem encontrado lugar para expressão. O desinteresse pela escola e a desmotivação do aluno pelos estudos podem talvez expressar sua incredulidade quanto, não somente, à instituição escolar, mas ao futuro que o mundo adulto lhe reserva. Um mundo adulto que valoriza o ter ao ser, em que os valores morais e éticos estão afastados para dar lugar ao consumismo, à beleza e a outros valores efêmeros. Com essas considerações, podemos entender que as atitudes incoerentes dos adolescentes expressam algo que não é verbalizado, da ordem do não dito. Procuramos, normalmente, fazer uma leitura do comportamento indisciplinado do aluno de forma unilateral, como algo que lhe é singular, pessoal, e nos esquecemos da relação que é estabelecida entre ele e o professor, assim como deixamos de considerar também a singularidade do professor, que está em sala de aula com corpo, mente e sentimentos presentes, da mesma maneira que seu aluno. A falta de alcance da ação socializadora até o ambiente relacional promove brechas que permitem aos alunos a construção de experiências escolares, entre elas, a experiência da indisciplina.

O professor, antes de ser um professor, é um educador, não apenas transmite conhecimentos, mas também facilita a vinculação de ideias, valores e princípios de vida, para a formação da personalidade do educando. O educando é “uma pessoa que se desenvolve, que atualiza suas possibilidades, mediante processos dinâmicos orientados por valores que lhe conferem individualidade e prospectividade”.

Quem assim concebe o educando tende a valorizar ainda mais a relação professor-aluno, pois vê nessa interação um processo de conhecimento, ideias e valores que atuam na formação da personalidade.

Para Rego,

A compreensão do pensamento do professor, o conhecimento mais profundo daquilo que ele já sabe, pode servir como um interessante indicador daquilo que ele precisa saber, ou seja, das informações que necessita para embasar seu trabalho junto às crianças, para preencher lacunas, corrigir equívocos, redimensionar e analisar com mais criticidade sua prática, e buscar soluções alternativas para o cotidiano pedagógico. (REGO, 1998, p.53).

Como possibilidade de superação da indisciplina, aponta-se para práticas educativas nas quais as regras são estabelecidas democraticamente entre diretores, professores e alunos: os canais de comunicação são normalizados, mostrando que o diálogo é necessário e a crítica imprescindível na criação de centrais de atendimento para ajudar alunos com dificuldades e pais que precisam de orientação, culminando em mudanças no projeto político pedagógico, com aulas participativas e com efetivas práticas interdisciplinares, enfim, a mudança dos planejamentos pedagógicos, objetivando a verdadeira construção do conhecimento, em busca da aprendizagem significativa.

Para muitos professores, as demandas apresentadas pela clientela vão além do que a formação inicial dos professores prevê. Diante da complexidade da trama das relações institucionais referentes às questões relacionadas ao fenômeno da (in)disciplina escolar, o ideal é que os olhares e as ações se voltem para as relações instituídas, com o objetivo

de viabilizar a criação de dispositivos coerentes com cada realidade institucional. É, sem dúvida, um caminho acromático, lastimoso e conturbado, mas, talvez, viável para a busca de alternativas para o cenário tão desgastado da Educação.

### 3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou compreender o processo que se constrói na escola a partir da combinação de fatores, com vistas à auto-disciplina, ao autodomínio, à capacidade de comandar a si mesmo, respeitando os limites sociais estabelecidos ao grupo do qual o indivíduo faz parte.

A finalidade primeira da escola é dar a cada um o seu espaço para seu desenvolvimento pleno, para tanto garantirá a aprendizagem efetiva de todos os seus alunos, favorecendo a participação dos educandos nas situações sociais e políticas. Para isso, buscamos ações transformadoras e condizentes com a realidade do aluno (como sabemos essa é uma premissa contraditória), levando-o a exercitar a sua cidadania.

Podemos dizer que o aprendizado de regras de agir disciplinado torna o ser humano mais civilizado e com condições de conviver de modo saudável com os outros e esse aprendizado é, na realidade, condição para a sobrevivência da própria sociedade humana, o que significa que a regra é a base para uma boa convivência coletiva, seja ela social ou escolar. Na verdade, a vida em sociedade pressupõe a criação e o cumprimento de regras e preceitos capazes de nortear as relações e possibilitar o diálogo, a cooperação e a troca entre membros de um grupo social. A escola, por sua vez, também precisa de regras e normas orientadoras do seu funcionamento

e da convivência entre os diferentes elementos que nela atuam. Nesse sentido, as normas precisam ser compreendidas como condição necessária ao convívio social. E, dentro desse pensamento, o professor é o disciplinador que educa, oferece parâmetros e estabelece limites.

Deve-se compreender que a disciplina se constrói pela interação do sujeito com os outros e com a realidade, até chegar ao autodomínio.

A disciplina não deve ter fim em si mesma; deve estar relacionada aos objetivos maiores da escola, que deve formar o aluno como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige, ajudando a construir uma nova hegemonia que é a das classes populares. A realidade está sendo assim, mas pode ser mudada. A partir da experiência de mudança no microcosmo educacional, o aluno está se educando para a mudança social mais ampla.

#### REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Annie Rehbein de. *Disciplina sim, mas com amor: um novo modelo para conseguir que seus filhos tenham bom comportamento*. São Paulo: Paulinas, 2005. 77 p.

ANTUNES, C. *Professor bonzinho = aluno difícil: a questão da indisciplina em sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 2002. 25 p.

AQUINO, Júlio. *A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento*. In: AQUINO, Júlio (Org). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. 11. ed. São Paulo: Summus, 1996.

ARROYO, Miguel. G. *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Petrópolis: Vozes, 2004. 405 p.

CARUSO, Paulo Afonso; AMARAL, Cleide.

*A aula operatória e a construção do conhecimento*. São Paulo: Instituto Esplan, 1995. 149 p.

GOTIZENS, C. *A disciplina escolar: prevenção e intervenções nos problemas de comportamento*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

REGO, Teresa C. R. *A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana*. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998.

SANT'ANNA, Vera Lúcia Lins. *As práticas educativas no cotidiano pedagógico: uma análise pertinente*. In: SIMPÓSIO DE MOSTRA DE PESQUISAS INTEGRADAS, 2, 2004, Belo Horizonte. *Revista da 2ª. Simpósio de Mostra de Pesquisas Integradas*. Belo Horizonte: Instituto de Ciências Humanas, 2004. p. 102-110.

TIBA, Içami. *Disciplina, limite na mediada certa*. 37. ed. São Paulo: Gente, 1996. 240 p.

VASCONCELLOS, Celso. *Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. 4 ed. São Paulo: Libertad, 1995. 110 p.